

O BALAIO DO BUGRE SEREJO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E LINGUAGEMAna Ap. Arguelho de SOUZA*¹

O ervateiro, brasileiro, paraguaio ou correntino, é como o sertanejo de Euclides da Cunha, um forte, acima de tudo um forte, um resoluto, um destemido, um bravo. [...] Foi ontem, hoje e será amanhã, nas páginas dramáticas da industrialização da erva-mate, um herói anônimo.
SEREJO, Hélio²

Resumo: O artigo trata da produção do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, sem dúvida, o mais fecundo memorialista de uma vasta região de fronteira do oeste brasileiro. Serejo legou à posteridade um patrimônio cultural depositado em mais de 60 livros que mapeiam trabalho ervateiro, costumes, alimentação, mitos, lendas, medicina natural, festas, com o recurso de um trilinguismo que compõe a expressão mais genuína do falar e viver fronteiriços. Registra uma época (século XIX e início do XX) em que a extração da erva-mate foi o motor econômico que colocou essa região nos trilhos civilizatórios. Para fins deste trabalho, foram selecionadas três obras do autor que, juntas, constituem uma espécie de síntese da sua obra. No plano da linguagem e com o concurso da memória, o objetivo segue na direção de apreender como se realiza o movimento dos homens, no fazer sua história, na região que separa Brasil e Paraguai, no oeste brasileiro.

Palavras-chave: memória, linguagem, Serejo.

HÉLIO SEREJO: HISTORY, MEMORY AND LANGUAGE.

Abstract: This article concerns the production of Hélio Serejo, a writer from the state of Mato Grosso do Sul, undeniably the most fertile archivist of a vast region of the western border of Brazil. Serejo left a cultural legacy to posterity in the form of over 60 books, which chart the work of the “erva-mate” harvest; its habits, food, myths,

* Ana Ap Arguelho de Souza é Doutora em Literatura pela UNESP – campus Assis/SP, Pesquisadora e professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. – Campo Grande – MS – Brasil - E-mail: ana.arguelho@terra.com.br

legends, related natural medicine and festivals', relying on the tri-linguistic that forms the most genuine expression of life and speech habits of the border. His works register an epoch (XIX and beginning of the XX centuries) in which the extraction of the *erva-mate* was the economic engine that helped put this region on the road to civilization. For this essay, three works of the author have been selected. Together, they constitute a sort of synthesis of his collected works. In the realms of language, and with the aid of memory, we aim to learn about the movement of people in relation to the making of their history, within that region that separates Brazil from Paraguay in western Brazil.

Key-words: memory, language, Serejo.

Introdução

Este trabalho incide sobre a produção de Hélio Serejo, escritor sul-mato-grossense, nascido na cidade de Nioaque, MS em 1912, e falecido aos 93 anos em Campo Grande, capital do Estado. Serejo ocupou a cadeira de número trinta na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Em 2008, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul reuniu e reeditou sua vasta obra – em torno de sessenta livros – numa coletânea de dez volumes, um verdadeiro patrimônio cultural sobre a região da fronteira que cobre as terras sobre as quais se travou a Guerra do Paraguai. Serejo mapeou toda a cultura da região, tipos humanos, trabalho nos ervais, costumes, alimentação, festas, danças, mitos, lendas, superstições, e muito mais. Na linguagem, conseguiu captar o espírito do homem fronteiriço, no seu falar mesclado e peculiar, próprio da fronteira Brasil/Paraguai. Contemporaneamente, essa linguagem tem sido nomeada de portunhol.

Com base em três dos livros de Serejo, que juntos permitem visualizar uma espécie de síntese das temáticas e gêneros abordados por ele, o objetivo é apreender como se realiza, no plano da linguagem e com o concurso da memorialística, o movimento dos homens, no fazer sua história. É, portanto, um estudo de caráter humanista, sobretudo. As obras selecionadas para fins de análise são: *Balaio de Bugre*³ que, como Serejo ensina sobre esse utensílio em que o indígena transporta miudezas, contém um pouco de tudo: crônicas, relato histórico, comentários, poesias, contos, folclore, crítica literária e imagens do sertão; *Vida de Erval*⁴, que reúne verbetes e crônicas memorialistas por meio das quais o mesmo

autor reconstrói, na linguagem, o universo dos ervais, com ênfase no trabalho escravo desenvolvido pela Companhia Matte Larangeira⁵; e *Pelas Orilhas da Fronteira...*⁶, que funde memória e ficção em narrativas curtas sobre a vida nos ervais.

A intenção é, com este trabalho, inaugurar, no interior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, uma pesquisa que recupere e divulgue a memória das fronteiras Brasil- Paraguai para as novas gerações. Essa possibilidade se abre com a criação do grupo de pesquisa “Literatura, História e Sociedade”, coordenado pelo professor doutor Daniel Abrão, cujas pesquisas contemplam mapeamento e análise de instrumentos da cultura, no Mato Grosso do Sul. Espera-se apreender, na singularidade desses elementos culturais, a universalidade que os costura.

A metodologia centra-se no rastreamento interno e análise das três obras de Serejo mencionadas. Todavia, julgou-se necessário levantar, mesmo sumariamente e nos limites de um artigo, o estado da arte ainda não sistematizado pela academia, arrolando a produção sobre o escritor, que até o momento aparece de forma pontual no cenário da crítica. E, também, apontar sua influência sobre literatos contemporâneos, no que respeita à linguagem literária e afirmar seu pioneirismo como memorialista dessa região de fronteira.

Embora Serejo seja considerado literato, acredito não ser com os instrumentos conceituais da análise linguística ou literária especializada que se poderá chegar a um bom resultado, senão com o concurso da história e da memória de quantos produziram a cultura fronteiriça, tanto no que respeita às fontes primárias como às secundárias. De modo que neste trabalho se cruzam a memória de quem nasceu e se banhou nas águas dessa fronteira⁷ e os estudos da pesquisadora de literatura e educação. E esse olhar se alarga com as lentes da produção historiográfica sobre a fronteira, no sentido de dar conta, minimamente, dessa empreitada.

O portunhol e a literatura contemporânea

Nascida na fronteira de Bela Vista com o Paraguai e sendo filha de mãe paraguaia, cresci ouvindo um falar no qual se misturavam três línguas. Minha avó, paraguaia de têmpera, era comum que iniciasse uma frase em português, a prosseguisse em espanhol e concluísse em guarani, especialmente, quando estava muito zangada. Com o tempo, fui percebendo que esse falar canhestro, extrapolando os limites familiares e fronteiriços, foi ganhando fôlego e dignidade. Passou a ser

denominado portunhol, como prática linguística um tanto barroca, desenvolvida pelos nativos da fronteira de Mato Grosso do Sul com os países de civilização espanhola.

No decorrer dos tempos, o termo foi consagrado especialmente pelos próprios literatos, que o vem utilizando em seus escritos, com certa artificialidade própria da literatura, e pelos pesquisadores das Letras, que enxergam nessa linguagem um rico material para estudos culturais. Todavia, a terminologia “portunhol” não traduz com precisão a espécie de trilinguismo que se desenvolve confortavelmente e a passos largos nas fronteiras que delimitam Brasil e Paraguai. Como o guarani, língua nativa do Paraguai, também compõe os falares fronteiriços juntamente com o espanhol e o português, considero que a expressão portunhol não contempla o desejável, ou seja, os três idiomas. Porém, dada sua recorrência e familiaridade na academia, utilizo-a, não sem antes fazer um assinalamento sobre a necessidade de os linguistas se debruçarem com mais afinco na base semântica e histórica do portunhol, investigando mais detidamente o falar das fronteiras com o Paraguai, no sentido de explicitar melhor o conceito. Nesse falar, são detectadas variações fonéticas, semânticas e sintáticas reveladoras das trocas culturais entre os dois países.

Sendo que as línguas nascem de necessidades materiais de intercâmbio entre humanos, o portunhol é a expressão do esforço comum, no processo da dominação espanhola no Paraguai, de o povo colonizado, no irremediável de absorver a língua do conquistador, preservar a sua língua nativa; depois, delimitadas as fronteiras das colônias portuguesas e espanholas, a necessidade de comunicação e intercâmbio cultural dos povos fronteiriços vem dando corpo a esse fenômeno linguístico, ainda em formação. Por último, a desterritorialização sofrida pelo Paraguai na guerra com o Brasil contribuiu para a formação do portunhol. Cite-se, mais uma vez, o exemplo do belavistense, cuja fala contém infinitamente mais elementos do espanhol e do guarani falados em Bella Vista – Paraguai, do que o contrário. Esse fenômeno encontra explicação não só pela proximidade entre as duas cidades, mas, sobretudo, pela nova composição territorial que, com a guerra com o Paraguai, ocorreu naquela fronteira, quando significativas extensões de terras paraguaias foram incluídas ao território brasileiro. Assim, enquanto além da fronteira se mantém o espanhol e o guarani, com fidelidade, do lado de cá, a herança linguística dos paraguaios foi sendo fortemente incorporada pelos brasileiros. O verbo sampar (do espanhol zampar), cujo sentido é arremessar, atirar com força, é de uso corrente na fronteira de Bela Vista: o belavistense *sampa* uma pedra ou um tapa. Nessa cidade não existem tempestades, mas tormentas e a sala de jantar é o *comedor*. É comum se ouvir expressões do tipo,

a cobra picou pra ele, significando que a cobra o picou. E as expressões e gírias do dia a dia são ditas sempre em guarani, como *carai* (no lugar de “seu” fulano) e *cunhã porã* (no lugar de moça bonita), por exemplo.

Uma língua, todavia, não se materializa só na fala, mas também na literatura de um povo. Assim, temos visto circular, a cada dia com mais vigor, uma nova literatura, cuja linguagem se assume como “portunhol”, na região fronteira que abrange Brasil, Paraguai e até mesmo Argentina. Essa literatura – em Wilson Bueno, *Mar Paraguai* (1992) e *Meu Tio Roseno a Cavalo* (2000); em Douglas Diegues, *Dá Gusto Andar Desnudo por Estas Selvas* (2002); em Guillermo Sequera, *Kosmofonia Mbiá Guarani* (2006), entre outras inúmeras obras em “portunhol” – vem impondo à academia e aos pesquisadores a necessidade de romper com os padrões consagrados da análise literária e admitir, finalmente, que a literatura expressa, sim, o chão da história em que se desenvolve a materialidade da vida. São, todas, literaturas engravidadas de raízes fronteiriças, nas quais o protagonista, o anti-herói, é se não o nativo da fronteira, a sua materialização artística.

Uma determinada literatura ao beber o chão da história não fica a salvo, também, das influências de outras literaturas em cujas águas se banha e de onde tira sua força e impulso. De modo que se vai encontrar, bem antes dessas literaturas, um conjunto de memorialistas mato-grossenses em cujas obras já estão presentes, de maneira pontual, os germens do portunhol, como em Mello e Silva, Umberto Puiggari, Armando de Arruda Pereira, Astúrio Monteiro de Lima e Elpídio Reis. A expressiva matriz, no entanto, é o escritor Hélio Serejo. É nele que o mosaico linguístico se apresenta com mais exuberância, é por ele que a memória vivifica e se torna perene, é na sua obra que a vida se torna palpável, quase tocável, ao cruzar com outras fontes oriundas da história, do folclore e da mitologia. Isso porque foi dele o registro mais abundante desse chão fronteiriço. Por isso, a escolha por Serejo para este trabalho.

A fortuna crítica de Serejo: facas cegas e afiadas

A primeira obra abordada será *Balaio de Bugre*, pelo fato de que a fortuna crítica de Serejo se concentra nos escritos reunidos nessa obra, embora esteja presente também nos pré-textos das outras duas e numa escassa produção contemporânea. *Balaio de Bugre* é verdadeiramente uma miscelânea de textos os mais variados, tanto do autor quanto de seus críticos. Entre os de autoria do próprio

Serejo, nessa obra estão contemplados provérbios, orações, credices, ditos populares, quadras, narrativas folclóricas, palestras, além de verbetes sobre hábitos, alimentação e superstições dos índios kilnikinau, chamacoco, arará e guaicuru e, até mesmo, um pequeno “vocabulário dos ervais”. Os textos da crítica registrada circunscrevem os anos de 51 a 68 e se originam, sobremaneira, de intelectuais, amigos e admiradores do autor; do jornal A Tribuna, de Presidente Wenceslau; da revista O Cruzeiro; da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre; das academias Mato-Grossense de Letras, Paranaense de Letras e Internacional Americana e até mesmo uma crítica vinda da “República Oriental del Uruguay”. Daí porque esta obra ter sido incluída como necessária a este pequeno estudo, pois ela permite reconstituir um certo cenário, no qual vicejaram a vida de Serejo e o material de onde retirou sua escrita.

Os textos críticos examinados são, no geral, marcados pela apologia. A produção crítica contemporânea se divide basicamente em textos jornalísticos e artigos acadêmicos que apontam Serejo como memorialista, folclorista, poeta, cronista, enfim, autor de muitos gêneros. Nenhuma obra de fôlego, no entanto, foi encontrada que se debruçasse, de fato, sobre o conjunto e a natureza mesma de sua obra multifacetada, o que acredito, só possa ser feita coletivamente. Não há como negar a Serejo a relevância da obra, muito mais para o registro memorial do que para a literatura sul-mato-grossense, razão suficiente para uma soma de esforços no estudo de sua obra.

Do primeiro tipo de crítica, a que chamamos de apologética, citamos, a título de ilustração, textos de escritores vinculados às Academias de Letras: a obra sobre Serejo escrita pelo professor Campestrini – *Hélio Serejo, o trilhador de todos os caminhos*⁸, à guisa de apresentação da coletânea *Hélio Serejo: vida e obra*; comentário “Cosmovisão das letras brasileiras em Hélio Serejo”, de Guimarães Rocha⁹ e entrevista sobre a vida e obra de Serejo – “Trabalho de Hélio Serejo é uma verdadeira cacimba cultural”, por Ari Florentino, publicada na Folha de Dourados¹⁰, por ocasião do lançamento da obra de Serejo, *Crônicas do Coração*.

Entre a produção acadêmica, a dissertação de Neide Teno, *Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo*¹¹, trata, como o nome indica, de um estudo do vocabulário do autor, e a de Cesar Luiz Oliveira Viegas, *Marcha por uma literatura sul-mato-grossense: o conto regional de Helio Serejo*, à qual não tive acesso, mas cujas referências estão registradas na página do Mestrado em Letras da UFMS. De resto, o escrito de Paulo Nolasco *Homenagem a Hélio Serejo*¹² e o artigo de Ariane

Morales Moreti¹³ sobre a figura feminina Capitoa, *A representação feminina em “4 contos” de Hélio Serejo*, que aqui destacamos, também a título de ilustração. Nesse artigo, a obra de Serejo foi utilizada para discutir aspectos culturais e históricos que envolvem a figura da mulher na literatura e na sociedade.

Serejo, embora cronista e memorialista impecável, não é um literato que domine os segredos e nuances da linguagem literária, embora a crítica menos cautelosa o incense como tal. Apesar dos esforços poéticos, não vai além da rima pobre e do nacionalismo ufanista. E seus contos se ressentem das mediações estéticas presentes nas grandes tramas que surpreendem, caindo mais no domínio da crônica memorialística, o que confere à sua palavra um caráter mais documental do que literário. Diga-se de passagem, a característica ufanista é marca de expressiva parte da literatura brasileira do século XIX e que, tardiamente, chegou até estes rincões.

Mas... o que está por detrás da palavra de Serejo incensada pela crítica? A palavra é vida, carrega consigo a história, por isso não é isenta. Para Bakhtin¹⁴, é arena de luta. Todo olhar e todo dito carregam em si um recorte de classe. De qual história diz Serejo? Ou melhor, de qual história não diz? De que lugar social ele vê o trabalhador paraguaio? Quais as representações que esse autor tem sobre o trabalho nos ervais? A sensibilidade de Serejo, mesmo no viés de classe ou, talvez por isso, alcançou o que costura o universal, ou seja, para além de supostas “identidades”, que mais excluem do que congregam, revela o que igualou trabalhadores brasileiros e paraguaios: a exploração do trabalho nos ervais da fronteira. E isso, é o próprio Serejo que nos aponta em diferentes momentos de sua escrita.

Nesse sentido, da revelação do universal em Serejo, a voz dissonante da crítica é a de Carla Centeno, dentre as examinadas, a única marcada pela radicalidade, abrangência teórica e exame rigoroso de fontes primárias e secundárias. Isso lhe permitiu a apreensão, em Serejo, dos costumes, lendas, credices e mitos fronteiriços, mas costurados por um eixo teórico de desvelamento da exploração do homem pelo homem, por meio do trabalho, como ela mesma afirma:

Serejo queria expor, por meio da obra literária, os problemas vividos pela população simples, queria mostrar a vida da população fronteiriça, carregada de “dramas, tormentos, desenganos e alegrias.” [...] Em Serejo se encontra a denúncia da exploração do trabalho na fronteira, a miséria exposta abertamente...¹⁵

Todavia, alerta a autora, faltava a Serejo uma crítica articulada sobre as razões dessa exploração, já que “a miséria do trabalhador aparece, a todo o momento, mas é justificada, por vezes, como algo imanente à própria condição do trabalho”. Julgo que é justamente essa ausência de contradição, que faz dele um escritor tão aceito e reconhecido pelas elites culturais e tão pouco conhecido pelo povo. Serejo não “costura pelo avesso”, para usar uma expressão de Clarice Lispector, indicadora de como em sua obra ela tece a contradição. Em Serejo, a costura é linear e “por fora”, ou seja, sem contradições, como “faca cega” ou a literatura de dois gumes de que fala Antonio Cândido¹⁶ sobre as literaturas consentidas, isto é, as que desempenham papel saliente no processo de imposição cultural. Mas, curiosamente, ao fazer isso é que o autor expõe as contradições, as quais só se revelam, todavia, ao gume afiado da crítica social. É isso que faz dele um clássico¹⁷. Serejo, ao mesmo tempo enaltece o trabalhador paraguaio dos ervais, a brava mulher guarani e sobreleva a importância da Companhia Matte Larangeira como instituição que veio trazer civilização à fronteira, na medida em que no seu entorno ergueram-se escolas, vilarejos, comércio, enfim, tudo o que compõe uma civilização embrionária. A faca afiada da crítica social reconhece aí a contradição, porque, na verdade, é assim o capitalismo. Na medida mesma da civilização, a exploração se faz presente, porque foi explorando trabalho alheio que as civilizações se ergueram. Lafetá, ao analisar Paulo Honório, personagem central do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, em *O mundo à revelia*, afirma:

Paulo Honório, representante da modernidade que entra no sertão brasileiro, é o emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente, empreendedor, cruel, que não vacila diante dos meios e se apossa do que tem pela frente, dinâmico e transformador. [...] Tudo o que importa é possuir e dirigir o mundo. Para tanto, ele conhece os meios. E não pensa sobre eles: aplica-os.¹⁸

Assim, a Matte Larangeira é o Paulo Honório das fronteiras do Brasil com o Paraguai. Aqui ela entrou com força e, sustentada pelos ombros fortes do trabalhador paraguaio, principalmente, fincou os esteios civilizatórios nesta terra ingente e inóspita. É esse percurso civilizatório que a palavra de Serejo revela, a partir do próprio lugar que ocupa na estrutura social, o de filho de pequeno proprietário de uma ranchada¹⁹. Seu olhar benevolente, piedoso, marcado pela compaixão cristã, é o olhar da própria burguesia nacionalista do começo do século XX e também, como não podia deixar de

ser, contaminado pela literatura ufanista de grandes autores, como Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Monteiro Lobato, conforme registra Guimarães Rocha.²⁰ Ou seja, mergulhado no seu tempo, sofrendo suas injunções políticas e sociais, e contaminado das heranças literárias, esse olhar vislumbra a história dos ervais, numa necessária perspectiva de classe: “Mesmo um pouco ambíguo e sem declarar de maneira aberta suas posições, é Serejo quem faz a denúncia da exploração dos trabalhadores dos ervais por meio de seus versos e de suas crônicas”.²¹ A título de justiça, entretanto, é importante registrar, ainda em Centeno, que com o distanciamento temporal de Serejo à época retratada, sua crítica vai se tornando mais radical. Ele chega a citar o nome de várias pessoas envolvidas em crimes contra trabalhadores e, até mesmo, a ligação dessa violência com a Companhia Matte Larangeira.

É justamente esse Serejo o que interessa: ambíguo, dilacerado pelas contradições advindas, por um lado, de uma situação de extrema exploração do trabalho, que ele vivenciou nos ervais das fronteiras como filho de “ranchero” e, por outro, pelo seu olhar dirigido por essa posição de classe, que não consegue enxergar a contradição. Serejo, além de nacionalista, é cristão, como atestam as inúmeras recorrências que ele faz ao ideário religioso católico. Por extensão, seu discurso é assinalado pela “costura por fora”, embora o desentranhamento da rede sónica que materializa sua obra seja revelador das fortes contradições que permeiam o objeto de seus registros. Seu olhar ao trabalhador explorado é o do observador piedoso, preocupado em registrar as condições desumanas do trabalho. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, um trecho biográfico de sua vida, em *Balaio de Bugre*, registra que:

Percorreu, com 18 anos, o Paraguai, em todos os seus quadrantes, e parte da Bolívia como repórter, na luta contra o contrabando de cocaína e à procura, em território boliviano, do líder comunista Luiz Carlos Prestes que, na ocasião, tinha a cabeça a prêmio.²²

Se considerarmos o que Luiz Carlos Prestes significou na luta política contra as condições materiais de exploração do trabalho, no Brasil do tempo de Serejo, não fica difícil imputar a este autor uma lógica ambígua. É esse, pois, o Serejo que se quer apreender, humano e, por isso, conflituoso, que registra a dureza da vida do ervateiro, mas não apreende as determinações históricas e econômicas da exploração do trabalho, vendo-a mesmo como necessária. É na humanidade do escritor que se

busca apreender o homem dos ervais das fronteiras do Mato Grosso do Sul. E em ambos, o Homem universal.

História e memória na linguagem de Serejo

Estabelecidos de modo sumário o estado da crítica a Serejo e a perspectiva que orienta este estudo, o olhar se dirige para as outras duas obras, nas quais se encontra uma unidade em torno da qual é possível alcançar o pretendido. Nessa direção é que serão rastreadas palavras e expressões que, compondo o universo semântico da escritura de Serejo sobre os ervais, desenham o mosaico portunhol, por meio do qual se busca aprender o humano.

A nomenclatura ajuda a construir cenário e dar uma idéia de que nos ervais os idiomas se mesclam e a vida segue seu curso. Serejo define os ervais como gigantescos mantos de clorofila. Chega-se a um *caati* (erval) por três caminhos: o *tapê-guaçu*, estrada mais ampla, destocada e cuidadosamente limpa, que atravessa o *caati* em várias direções, servindo para o trânsito de carretas, caminhões ou tropa de arrias (animais que transportam o mate já ensacado); o *tapê-hacienda*, caminho que conduz diretamente ao rancho (casa principal) e os *tapê-poi*, trilhos estreitos, mal cuidados, pelos quais caminham os peões que procedem ao corte da erva-mate.

No processo de produção da erva, o monteador era o responsável por encontrar os ervais nativos ainda não explorados e, por isso, a exigência de que fosse uma pessoa com domínio da região e da planta; o trabalhador responsável pela poda da erveira, pelo *tiní* (primeiro corte de folhas do dia), pelo *overêo* (sapeco ou chamuscamento das folhas) nas trincheiras (fogueiras) e pelo carregamento do feixe de ervas²³ até o barbaquá (forno destinado à torrefação da erva) era conhecido como mineiro. Os *urus* eram os trabalhadores responsáveis pela secagem da erva, no barbaquá.

Vida de Erval, a segunda obra a ser abordada, como já se afirmou, reúne verbetes e crônicas memorialistas por meio das quais Serejo reconstrói, na linguagem, o universo dos ervais. Segundo o autor, a obra é parte da Coleção “Surrão Crioulo”. Na página de abertura, a primeira ambiguidade da ótica de Serejo, reveladora da sua posição de classe: a homenagem a Thomaz Laranjeira, proprietário da Matte Laranjeira alcunhado o Tigre dos Ervais pelo pulso firme e enérgico com que conduziu a escravidão²⁴ nos ervais e a quem Serejo exalta como “contribuinte decisivo

para a integração da rica região fronteiriça com a República do Paraguai”. O contraponto ele mesmo faz na página seguinte: uma *Homenagem de Reconhecimento* ao “bravo peão paraguaio e à valorosa mulher guarani”. É sabido que a realidade forjada na história de perdas e na pobreza em que o Paraguai mergulhou com a chamada Guerra da Tríplice Aliança fez com que a grande maioria de trabalhadores nos ervais fosse oriunda do Paraguai, ainda que Serejo mencione brasileiros e correntinos (oriundos da Argentina). Tanto que, para manter a fidelidade da memorialística, o autor constrói esse universo em língua portuguesa, mas entremeada dos termos guaranis e espanhóis utilizados pelos paraguaios, o que leva ao reconhecimento de sua linguagem como matriz do “portunhol”. A terminologia guarani comparece de modo mais fértil que a hispânica, dada compreensivelmente pelo fato de o paraguaio mais humilde e, portanto, o mais genuíno da terra, aquele que dominava mal o espanhol e preservava sua língua de origem, era quem, de fato, se empregava como ervateiro. Quem queira encontrar um padrão linguístico mais apurado, certamente não o buscará nas transcrições linguísticas de Serejo, até porque rude era o chão dos ervais e rude será a linguagem que o retrata.

À parte a homenagem inicial, o livro apresenta notas finais e um glossário que encerra o livro. Além disso, compõe o índice de *Vida de Erval*, 35 títulos correspondentes a verbetes. Desses, oito são escritos em português, cinco em espanhol e os demais em guarani. Curiosa e dolorosamente, a terminologia guarani é indicadora de dois componentes marcantes, que se mesclam na vida dura dos ervais: a mítica, povoada pelas entidades cultuadas pelos trabalhadores e a material, que assinala a dureza do trabalho.

Ilustrativa da primeira é o *Pombero*, duende guarani, protetor dos ervais que, segundo Serejo, era respeitado e temido pelos ervateiros, ao qual rezavam pedindo proteção. Do lado de cá da fronteira, o *Pombero* ganhou a alcunha de *Saci-Pererê*, mas quem vive na fronteira não faz diferença entre ambos. O pombero é loiro e tem olhos azuis e o saci é negro, mas é comum na fronteira a descrição de um saci loiro. Essa entidade mítica atua fortemente na memória da fronteira de Bela Vista, onde o pombero, ou saci, age de forma concreta, segundo os “causos” narrados pelos mais antigos. Quando uma pessoa apresenta algum problema de ordem mental dizem que é porque ele foi levado pelo saci quando criança. Ou quando algum fazendeiro manda derrubar árvores ou maltrata os animais ele “dá nó” no rabo dos cavalos, esconde objetos, sacode as redes de dormir e mais uma série de estripulias, como se fosse um

menino peralta e brincalhão, mais do que uma entidade que se devesse temer. No entanto, toda população tem respeito por ele.

Há também o Urutau ou Chora-lua, ave noturna, de rapina, que, segundo a lenda narrada por Serejo, protege as donzelas dos homens mal intencionados. Outra entidade da mitologia guarani é o *Aó – Aó*, espírito florestal das regiões ervateiras, que causa grande medo aos homens e ajuda a planta nova a crescer, protegendo-a contra o fogo e as queimadas e perseguindo o *changá-y* ou ladrão. A *Y- porã* é uma entidade mitológica feminina, a quem o ervateiro paraguaio tem, igualmente, grande respeito. Ela se delinea na fumaça do barbaquá, depois da meia-noite, em forma de mulher para, com sua beleza e graça, animar os trabalhadores da ranchada ervateira. Outros espíritos protegem os ervais: o feminino *Caá-Yarí*, que protege as erveiras, as *arboleras* e executa vinganças quando o mineiro prejudica a planta fazendo poda fora do tempo certo, ou o responsável pela produção, por ambição desenfreada. Há também a *Ivaporeha*, mensageira celestial que, tocada pelo vento, vem dos céus para acalmar os ânimos revoltados, em situações de conflito.

O que têm em comum essas entidades? Elas mapeiam e respondem a um conjunto de necessidades humanas: protegem a natureza, homens, mulheres e crianças, punem ladrões e mantêm a ordem. Esse universo mítico, simbólico da relação entre o homem, a natureza e o trabalho, é testemunho da ancestralidade do homem em uma fronteira marcada pela modernidade, ou seja, carregam os ecos de primitivas civilizações humanas, quando a divisão do trabalho não houvera cindido o homem. Lukács alude ao universo mais remoto da Grécia mítica como um período no qual a totalidade harmônica entre o homem e o mundo afastava a solidão.²⁵ Ao recuperar essas raízes culturais, nelas o trabalhador sente-se irmanado com todos os homens e a solidão dos ervais desaparece momentaneamente. Nelas encontra justificativas universais para a dureza do trabalho e lenitivo para as dores dele advindas. Para isso servem as mitologias. Por isso elas são tão necessárias, porque criam um universo por meio do qual o homem se afasta, ainda que, momentaneamente, da dor, e mantém sua crença numa justiça e numa ordem social que está longe de se concretizar no real. Por isso, também, elas são fascinantemente perigosas, porque o lenitivo à dor, seja da fome de alimento ou de justiça social, amaina as tensões e revigora as forças do trabalho, em condições as mais miseráveis, contribuindo para a manutenção da exploração.

Outro universo semântico, tão revelador como o primeiro, constrói Serejo com elementos não mais da mítica, mas extraídos do chão concreto do trabalho explorado.

É um universo vasto, composto pelos instrumentos e processos de produção da erva mate, pelos costumes alimentares, medicina natural e lazer.

Compõem ainda esse universo os instrumentos de submissão do trabalhador nos ervais, dentro de um sistema declarado de escravidão. Conforme discute Figueira, o sistema escravista marcou a colonização do Brasil, por uma necessidade inerente à formação do capital. Esse não poderia se reproduzir caso a massa trabalhadora não fosse subjugada com violência, em virtude das possibilidades que as vastas extensões de terra propiciariam para a conquista e propriedade individual da terra, a quem assim o desejasse.²⁶

Deste último conjunto signíco foram selecionados os indicadores do que de mais desumano representou o trabalho nos ervais, os instrumentos de tortura física. Também aqui, os idiomas se mesclam de modo bastante significativo de que a palavra é, de fato, arena de luta. Do espanhol vem o *cintarazo*, usado, segundo Serejo, “para lanhar o corpo até verter sangue”, caso a *producción* se apresente irrisória. Narra Serejo que centenas e centenas de homens caíram ao longo da chamada “estrada do martírio”, quer por maleita ou maus tratos, já que eram todos indistintamente, diz o autor, tratados como animais. Outro terrível chicote era o *Mboreví-piré*, feito em tiras largas do couro da anta, que não deixava marcas externas, mas por dentro dilacerava e arrebatava órgãos. Conta Serejo que o peão ervateiro preferia ensacar erva dia e noite, sem parar, do que apanhar com esse chicote. Mais um instrumento revelador das condições materiais do trabalho nos ervais era o tronco que entortava a espinha e “maluquecia o vivente”. Outros instrumentos e armas de tortura apontados por Serejo revelam o chão dos ervais: o *façonaço* (facão grande) e o *quisê* (faca afiada para trabalho e defesa pessoal). As contendas eram frequentes, especialmente, na hora da contagem da produção diária da erva, quando corpos tombavam ao pé da balança, “com a cabeça quase decepada pelo certo *machetaço* do atento balanceador, que se armara prevendo o drama eminente”. Para fechar este campo, um outro chicote arrolado: *Teyu-rugway* (rabo de lagarto), o mais terrível de todos, segundo Serejo, feito de rabo de lagarto papo-amarelo, que “preparado e secado à sombra, enrijece e ganha consistência”. Com doze chibatadas, o “vivente põe sangue pela boca e acaba morrendo após inenarráveis sofrimentos”.

Este mapeamento rápido, que abrange o simbólico e o real num só movimento, o mítico e a história numa região de fronteira, à parte a comoção que suscita, é necessário. Ele possibilita compreender o que foi efetivamente a vida nos ervais da fronteira, do ponto de vista dos instrumentos materiais e simbólicos que permitiram ao

“homem rude” a construção civilizatória nestes rincões. E mais, ele possibilita, por meio da linguagem rude dos ervais, humanizar a história, pois é, sobretudo, por meio de como a linguagem exprime a vida, que nos reconhecemos humanos na obra de Serejo.

Mas, o que costura o material e o simbólico num só movimento? O homem. Por isso, a escolha da obra *Pelas Orilhas da Fronteira...*, cujo título mescla o espanhol e o português, fazendo desfilar, em narrativas curtas, figuras humanas as mais inusitadas e que dão, efetivamente, movimento à vida naqueles ermos onde desbordam as terras, hoje brasileiras, que foram do Paraguai. Por isso, é aqui que o português aparece com mais veemência, não como um arrolar dicionarizado de termos, mas como expressões extraídas da fala e de situações vividas. Algumas engraçadas, outras dramáticas, outras trágicas, mas todas personagens planas, isentas de contradição, pela obra desfilam figuras humanas como *El viejito* Poincaré, o padre francês, Amado Gastão Decleene, os Balbuena e mestre Jobim.

Poincaré é a imagem viva da ausência de contradição em Serejo. Descrito como um tipo bem-humorado, responsável e inteligente, para ele, o importante era *vivir bien*. Chegando a Ponta Porã, em comitiva, no bojo de uma carreta paraguaia, junto com o pai de Serejo desbravou um *traballado de buena producción*, ou uma ranchada, às margens do *Mbacaraí*, arroio, ao que parece, afluente do rio Itaquiraí. Seu passado misterioso um dia fora revelado por fonte segura a Francisco Serejo, pai do escritor: numa revolução para derrubar o partido político dominante, o *teniente secundo* Poincaré lutara como um “demônio revoltoso sem entranhas, calculista, de sangue frio, ignóbil”. O olhar de Serejo trai novamente sua posição de classe ao definir Poincaré como a “encarnação de um tipo hediondo, assassino execrável, uma besta fera” e “prisioneiro revolucionário de alta periculosidade”, só redimido pelo trabalho na ranchada *Mbacaraí*, que, em sua homenagem, tomou outro nome: Rancho Poincaré. Por detrás do “tipo hediondo” está o combatente político, no enfrentamento de forças sociais antagônicas, mas Serejo não capta esse viés. A redenção vem do trabalho, como determina o ideário liberal burguês.

A família Balbuena – o pai, *cará* Balbuena, e os oito filhos – ilustra o que Serejo delineia como sendo o perfil do homem paraguaio, destoando completamente do ideário preconceituoso que existe na fronteira Brasil – Paraguai. Ideário que foi amplamente difundido por autores que abordaram essa fronteira, como Mello e Silva, por exemplo, para quem os “*guaranizados* foram os responsáveis pela dissolução dos costumes na fronteira”²⁷, numa visão preconceituosa do paraguaio como um povo

inferior, grosseiro, preguiçoso e oportunista e sem moral. Ao contrário, os Balbuena de Serejo eram modelos de trabalhadores dignos, afáveis, responsáveis e, invariavelmente, bem-humorados, leia-se, isentos de contradições. Um outro olhar, igualmente problemático.

Outra história é a do padre Amado que, tendo nascido na Europa, em função das guerras acabou aportando aos ervais de Mato Grosso e aqui viveu e trabalhou, cuidou e foi cuidado como qualquer ser vivente, até que faleceu em 1974, com 82 anos de idade. O padre é mostrado por Serejo a partir do seu mau humor e comportamento irascível. Em momento algum foi aventada pelo autor a possibilidade de que esse comportamento pudesse ter sido determinado por contingências históricas de um homem que foi desumanizado por uma guerra mundial por reparto de monopólios, ou seja, pelo capitalismo no seu movimento de acumulação.

Esse olhar opaco do autor aos tipos descritos é compreensível, porque inerente ao seu lugar de origem na sociedade. Nessa mesma ótica, as crônicas que compõem *Pelas orilhas da fronteira...* trazem figuras anônimas dos ervais. Elas desfilam imunes à contradição, com seus hábitos e costumes e com a linguagem típica da fronteira, essa fantástica mistura de três idiomas, como se fosse natural do homem ser assim, como se cada um não fosse determinado pela rude materialidade desse chão fronteiriço e pela necessidade de trabalho e sobrevivência. Essas figuras movimentam a narrativa imprimindo-lhe as marcas do humano, que se revelam nos confrontos entre patrões e empregados, que Serejo vê com dor, mas como naturais e necessárias; nas relações amorosas carregadas de traições; nos casamentos arranjados para encobrir amores clandestinos dos patrões; nas *fiestas* e *yerokis* (bailezinho de pouca monta), para os quais, muitas vezes, a carroceria frouxa e desengonçada de um caminhão “Modelo 39” servia de sala de baile, a qual comportava, no máximo, *buchapu* (três) pares de dançarinos por vez. Regado a *canha* (pinga), esses bailes, segundo Serejo, eram mais do que uma *divertición*, um exótico circo.

Por fim, Serejo aproveita as narrativas para arrolar, mais uma vez, o imenso vocabulário guarani e espanhol utilizado na fronteira. Em razão dos limites deste texto, é inviável uma reflexão mais profunda acerca do significado e da relevância desse vocabulário para humanizar a história da fronteira. Todavia, é um trabalho necessário, como necessária é, também, uma profunda revisão linguística na obra de Serejo, no sentido de corrigir inúmeras distorções da escrita, cometidas ao longo de sucessivas edições.

Considerações finais

Utilizando a mescla de idiomas como forma de demonstrar as possíveis interações entre as distintas nações envolvidas no fazer dos ervais, Serejo legou à humanidade um importante registro acerca do homem fronteiro na materialidade do seu trabalho com a natureza e com outros homens e suas possibilidades civilizatórias. Sua obra mostrou, ainda, que civilização e exploração do trabalho andam juntas e que o avanço histórico do oeste brasileiro se fez com a carne e o sangue dos trabalhadores nos ervais, confirmado por inúmeros estudos de outros memorialistas que pontuaram cada avanço da civilização na fronteira – povoamento, escolas, iluminação, estradas, comércio – como conquistas que foram se realizando a partir do trabalho ervateiro; e, por fim, que a memória deste Estado é mais rica do que se costuma julgar e ela não pode ser captada apenas pela perspectiva do índio, senão do trabalhador paraguaio.

O que fica da reflexão sobre a obra de Serejo neste estudo? Primeiramente a constatação da necessidade de que a academia se debruce sobre esse extraordinário memorialista, com o fito de conhecer com mais profundidade as raízes culturais do Mato Grosso do Sul. Isso diz respeito tanto à consciência das trocas linguísticas entre dois povos, quanto ao reconhecimento da intertextualidade entre memorialistas e literatos, o que, sem dúvida, redimensiona o valor e a contribuição de uns e outros para a herança cultural legada às novas gerações.

Em segundo lugar, a investigação do estado da arte permitiu a consideração de que a crítica apologética precisa ser substituída pela crítica com base em análises científicas, mas vinculando a obra ao “chão da história”, pois o que fez Serejo foi registrar uma gramática do chão, parodiando Manoel de Barros²⁸. E as análises precisam captar esse chão da fronteira oeste do Brasil e interpretá-lo, sob pena de termos um estado da arte que não apreende o essencial da obra de Serejo: sua humanidade.

Por fim, esperamos que o objetivo deste texto se tenha cumprido no que respeita a demonstrar como, nas obras selecionadas, a linguagem permitiu apreender no movimento dos homens ao realizar sua história, que esta é feita de contradições, mesmo quando o autor não as apreende.

A superação de contradições e o avanço da história impõem luta. Neste caso, da obra de Serejo, uma pesquisa coletiva se coloca como exigência, na perspectiva da luta e do avanço histórico. Nesse sentido, tenho congregado alunos interessados na

obra de Serejo para uma pesquisa de longo prazo e maior fôlego, numa perspectiva histórico-cultural. Só essa perspectiva permitirá apreender os instrumentos forjados pelo capitalismo para garantir a marcha do capital, sejam na sua dimensão material ou simbólica, em razão de que foi essa materialidade que permitiu à linguagem dispor de dados empíricos reveladores do fazer civilizatório. E que a simbologia pode se traduzir em espaços de fuga e de esperança, contraditoriamente.

Ao longo da história mais recente, os instrumentos materiais e simbólicos da opressão vestiram novas roupagens, tornando-se mais sofisticados e sedutores. Estão aí, entretanto, impingindo à humanidade o mesmo sentimento de impotência do ervateiro, que faz as pessoas se refugiarem em seitas, drogas e na violência, em busca de um sentido para a vida, mesmo que, para tanto, devam se despir cada vez mais da sua própria humanidade. Daí, a importância de vincular o olhar do pesquisador à história, à cultura e à memória, como formas de compreender que, em última instância, são as determinações econômicas que conduzem a marcha da história. Que o humano, por ser histórico, é universal e contraditório, bastando apenas que se apreenda em cada singularidade estudada o universal que ele contém. E que a nossa humanidade se amplia com a apropriação dos bens culturais, amealhados pelos que vieram antes de nós, quando os tomamos como instrumentos de luta e de transformação social.

Recebido para publicação em setembro de 2009.

Aprovado para publicação em novembro de 2009.

Notas

¹ Pesquisadora e professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, com doutorado em Literatura, pela UNESP – campus Assis/SP, e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UFMS. ana.arguelho@terra.com.br

² SEREJO, Hélio. *Vida de erva*. Campo Grande/MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008, v. IV, p. 72. (Coletânea Obras Completas)

³ SEREJO, Helio. *Balaio de bugre*. Presidente Venceslau: Requião, [197-a], 95 p.

⁴ SEREJO, Hélio. *Vida de erva*. São Paulo: Vaner Bicego, [197-d], 71 p.

⁵ Empresa multinacional, com sede em Buenos Aires, responsável pela distribuição e comercialização da erva mate.

⁶ SEREJO, Hélio. *Pelas orilhas da fronteira...* Curitiba: Lítero-Técnica, 1981, 116 p.

-
- ⁷ As águas a que refiro são as do rio Apa, que separa Bela Vista, Brasil, onde nasci e vivi a infância, de Bella Vista Paraguai. Esse rio, costumávamos atravessá-lo em canoa para comprar coquito e joelho de moça, espécies de biscoito salgado, por um preço menor que o do pão vendido em Bela Vista/Brasil.
- ⁸ CAMPESTRINI, Hidelbrando. *Hélio Serejo, o trilhador de todos os caminhos*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008, 127p.
- ⁹ ROCHA, Guimarães. *Cosmovisão das letras brasileiras em Hélio Serejo*. Recanto das Letras, s/p. Acesso em 25/4/2008. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/961923>
- ¹⁰ FLORENTINO, Ari. Folha de Dourados. *Crônicas do Coração*, s/p. Acesso em 25/04/2008. Disponível em: <http://www.folhadedourados.com.br/view.php?cod=23998>
- ¹¹ TENO, Neide Araújo Castilho. O estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo (dissertação de mestrado). Dourados, MS: UFMS, 2003. 171 p.
- ¹² NOLASCO, Paulo. *O outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande: Editora UFMS, 2006, p.207-213.
- ¹³ MORETI, Ariane Morales. *A representação feminina em 4 contos*. Revista InterLetras. Dourados, MS: v.2 n.3, 2005, julho/dezembro s/p. Acesso em 24/4/2008. Disponível em: http://www.unigran.br/interletras/n3/cultura_brasil/rep_feminina.html
- ¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 3. ed., São Paulo: Hucitec, 1986, p. 46.
- ¹⁵ CENTENO, Carla V. *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870 - 1950)*. (Tese de doutorado). Campinas, SP: 2007, p. 58-59.
- ¹⁶ CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 3. ed., São Paulo: Ática, 2000. p. 163-180.
- ¹⁷ ALVES, Gilberto Luiz. As funções da escola pública de educação geral sob o imperialismo. Revista *Novos Rumos*, São Paulo, n. 16, p. 89-112, 1990. Nesse texto, o autor define como clássica toda obra capaz de expressar com riqueza de detalhes as contradições de seu tempo. Nesse sentido, Serejo pode ser considerado um clássico. Todavia, alerta Alves, os clássicos são marcados pelo viés da classe a que o autor pertence.
- ¹⁸ LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia – pós-facio. In: RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 65. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 200.
- ¹⁹ Agrupamento de ranchos nos ervais.
- ²⁰ ROCHA Guimarães. op. cit. s/p.
- ²¹ CENTENO, Carla V. 2007, op. cit. p. 62.
- ²² SEREJO, Helio. *Balaio de bugre*. Op. cit. p. 19.
- ²³ Os feixes de erva, que pesavam em média 150 kilos, eram levados às costas, presos pelo raído, trançado de couro sustentado pela cabeça, onde se passava uma alça forte, a qual evitava que a espinha dorsal se partisse com o peso da erva.
- ²⁴ Centeno cita o relato de Serejo de que, em 1934, a Matte Laranjeira contava com 18 mil trabalhadores, dentre os quais, 10 mil eram dependentes da Companhia por razões

comerciais. Esse procedimento era uma forma de manter o trabalhador preso à escravidão, pois a dívida contraída apresentava sempre um valor maior do que seu ganho, impedindo-o de se libertar do jugo. CENTENO, Carla, V. A presença do trabalhador paraguaio nos ervais de Mato Grosso (1870 - 1930). In: CENTENO, Carla V. e BRITO, Sílvia Helena Andrade de. *Educação e diversidade cultural*. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2004, p. 67.

²⁵ LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, p. 29.

²⁶ FIGUEIRA, Pedro de Alcântara; MENDES, Claudinei M. M. Estudo preliminar: escravismo colonial. In: BENCI, Jorge S. J. *Economia cristã dos senhores do governo dos escravos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977, p. 7-38.

²⁷ CENTENO, Carla V. 2007, op. cit. p. 182.

²⁸ BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão* (poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.